



“Acredito que já tenho um currículo na vida, para além da Caixa”

mais

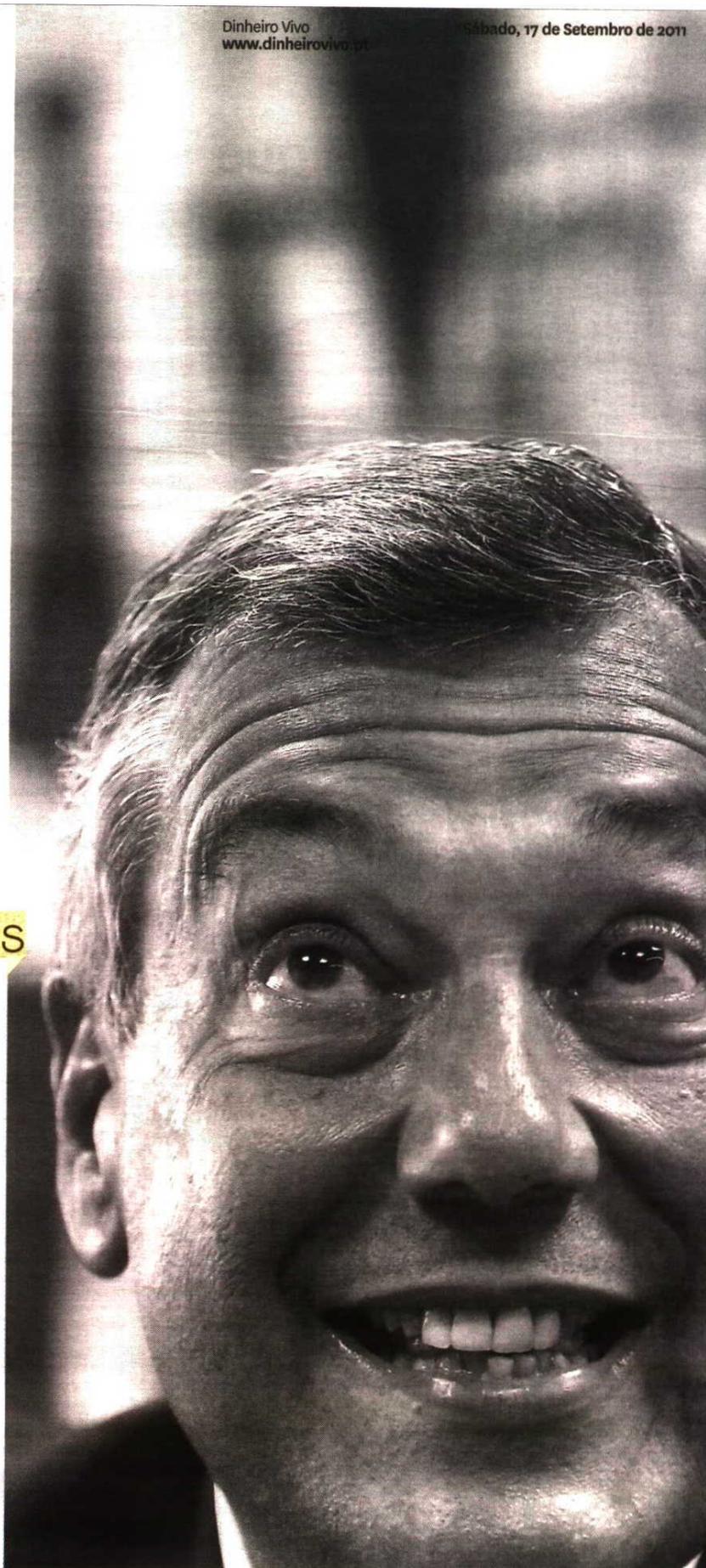
Hiperactivo assumido, tal como o irmão Marcelo, Pedro Rebelo de Sousa conta histórias à velocidade dos seus dias. Uma entrevista é pouco. Só pára entre as seis e meia e as sete da manhã, para ler e rezar. E nadar. A seguir, é o frenesim, que piorou desde que foi para a administração da Caixa. O advogado só deixou uma pergunta sem resposta.

Texto: *Sílvia de Oliveira*

Fotografia: *Gustavo Bom/Global Imagens*

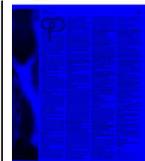


WEB Leia a entrevista ao advogado e administrador da CGD Pedro Rebelo de Sousa na Integra em www.dinheirovivo.pt



Dinheiro Vivo
www.dinheirovivo.pt

Sábado, 17 de Setembro de 2011



Pelo que foi conseguir agendar esta entrevista, imagino-o com uma vida absolutamente frenética.

O tempo é para mim o bem mais escasso e de mais difícil gestão. Reconheço ter alguma hiperactividade, que faz que eu tente abraçar o mundo. E, se puder acomodar 'n' coisas durante o dia, tento fazê-lo.

É organizado?

Dentro desta hiperactividade, julgo que sou extremamente organizado. Tenho uma certa psicose do *follow up*. A minha escola americana – trabalhei 15 anos no Citibank – assim o exigiu. Não deixo cair os assuntos. Tenho uma visão cristã da nossa passagem pela Terra e acho que ela se justifica enquanto testemunho de duas coisas: de um bom potenciar dos nossos talentos e do tentar concretizar.

Quais são os talentos que tenta potenciar?

Uma ingénua convicção de que é possível mudar o mundo. Tento ver com o que posso contribuir para que a situação possa desenvolver-se e cristalizar-se em qualquer coisa que contribua para mudar o mundo. Sou muito teimoso – outra característica.

Não desiste nem mesmo quando já perdeu?

Perder é sempre um conceito objectivo/subjectivo.

É dos que nunca perdem?

Não, já perdi várias vezes. Tenho a convicção de que aprendemos com os insucessos. Não posso dizer que tenha tido muitos, mas tive situações que não foram sucessos e com as quais aprendi imenso. O sucesso, de forma reiterada, acaba por criar um certo comportamento irracional.

Conte-nos um insucesso com que tenha aprendido.

Fui da comissão instaladora da Fundação Luso-Brasileira. A ideia era tentar fazer uma fundação luso-americana, uma FLAD para o mundo da língua portuguesa. Conseguimos coisas notáveis, mas não conseguimos concretizar o projecto do Niemeyer, que era na Quinta dos Alfinetes.

Porque é que falhou?

Muitas das empresas que nos prometiam fundos acabaram por não dar. Tentei de tudo.

E o que é que aprendeu com este insucesso?

Em certas coisas, tem de haver uma conjugação de factores e pior do que estar errado é estar certo antes de tempo. Arrancámos com a fundação antes da grande onda de investimentos portugueses no Brasil, que acabou por criar outra dinâmica na realidade luso-brasileira.

Voltando aos seus dias, o que é que já fez hoje?

Acordo entre as seis e meia e as sete. A manhã é o meu período de total reflexão/contemplação. Entre as seis e meia e as oito, tenho a possibilidade de fazer duas coisas: ler e rezar. Sou crente. E nado.

Na piscina?

Sim. Nado meia hora a 40 minutos. É um lugar mágico. Tenho umas coisas para ouvir música a nadar. Não se perde peso, como se pode ver, mas é óptimo para a coluna. Às vezes também penso enquanto estou a nadar,

arrumo o dia e uma das frustrações que tenho é não ter um bloco.

Para escrever dentro de água!

Para poder escrever na borda. É uma frustração porque vou tendo ideias. Agora, conto-as e memorizo-as.

Headphones para nadar, BlackBerry, um iPad à sua frente. É viciado em gadgets?

Sou, mas não sou muito bom informaticamente. Se tenho de escrever, faço-o em papel. Tento ter uma relação utilitária, de não dependência.

Mas é dependente do BlackBerry, chegou a tentar levá-lo para a cama.

Tenho alguma porque o BlackBerry permite algo muito importante para quem está na actividade de prestação de serviços, que é a disponibilidade.

Tem uma relação fortíssima com Deus.

Não concebo a minha existência sem esta referência divina. É a transcendência do belo, daquilo que nos ultrapassa na nossa condição humana.

Porque é que, depois de tantos anos fora, decidiu, há 20 anos, regressar a Portugal?

Fui convidado pelo professor Cavaco para privatizar o Fonseca & Burnay. Mas, primeiro, não queria os meus filhos americanos.

Porquê?

O ensino primário na América é muito bom, mas o secundário americano é paroquial, centrado nos Estados Unidos. A América ganha uma centralidade na vida que é o oposto daquilo que pretendia.

Depois de 15 anos no Citibank, continuou na banca.

Sim, estive dois anos como presidente do Fonseca & Burnay. Quando o professor Cavaco me convidou para ganhar o que era uma fracção muito simbólica do que ganhava nos Estados Unidos – o salário do presidente do Fonseca & Burnay [em 1990] era 430 contos brutos [cerca de 2150 euros] –, aproximadamente o que ganhava a minha secretária, isto significava um sacrifício. Mas percebi que queriam que os que estavam fora voltassem e dessem testemunho da mudança. Foi muito interessante conduzir aquele que foi o primeiro processo de privatização a 100% de uma instituição financeira e que estabeleceu o modelo que viria a ser utilizado na maioria das privatizações por concurso público.

Saiu no final da privatização. Porque é que deixou a banca?

Não sei se, naquela ocasião, havia muitos desafios na banca.

A banca privada estava a arrancar.

Havia o BCP e o Banco Mello estava a dar os primeiros passos. Achei que, para alguém que tinha estado na banca em Nova Iorque e no Brasil, não tinha muito cabimento. Depois reconheço que me habituei a trabalhar com uma certa independência. Mesmo quando se é quadro de um grande banco, como o Citibank, não há uma sensação de haver patrão. E, por outro lado, tinha um sonho incumprido na minha vida.

Que era?

Durante anos, com um grande amigo meu, sonhámos fazer um escritório com base no modelo anglo-saxónico. Ou seja, isto que se vê aqui.

Estava quase tudo por fazer?

Entre numa época em que foram feitas todas as privatizações. Havia um nicho de oportunidade, com a vantagem de que vinha do lado do cliente e da banca. O primeiro caso que tive foi a compra pelo Central Hispano dos 20% do Amorim no BCP.

E agora, 20 anos depois, faz parte do conselho de administração do maior banco português (CGD).

Mas como não executivo.

Um cargo importante!

Claro, mas que não tem que ver com a gestão executiva. No fundo, é ser um complemento construtivo.

Parece que tenta relativizar e minorar a importância do cargo?

Não estou a minorar, mas a dizer aquilo que ele é. O cargo de administrador não executivo da CGD está como o cargo de *chairman* da Zon, ou de administrador não executivo da Brisa.

Cargos ocupados por colegas seus [Proença de Carvalho e João Vieira de Almeida, respectivamente].

Mas confesso que foi com alguma mágoa que vi algumas pessoas reduzirem o meu currículo ao facto de ser irmão do professor Marcelo.

Essa referência permanente não o irrita?

Claro que não, gosto imenso dele.

Mas não o irrita que os outros falem de si como o irmão de Marcelo, como se não lhe bastasse o que é?

Não me irrita, mas ainda me surpreende. Como estive 15 anos a fazer um percurso profissional em que o apelido e as relações familiares valiam zero, surpreendo-me.

E vai ganhar 2888 euros, o mesmo de há 20 anos, quando chegou para privatizar o Fonseca & Burnay.

Imagine, nem me lembrava disso.

Logo, não foi por dinheiro que aceitou o cargo.

Nem pouco mais ou menos.

Foi pelo prestígio?

Por muita consideração que a Caixa me mereça, acredito que já tenho um currículo na vida.

Por vaidade?

Não. Acho que tinha de dar testemunho. Se sou presidente do Instituto Português de Corporate Governance, se defendo este modelo, se me foi pedido, acho que é quase uma missão porque, como pode imaginar, só me pode ser prejudicial, o meu escritório não pode trabalhar com o grupo CGD.

Já perdeu muitos clientes?

Ainda não perdi nenhum.

E pode continuar a trabalhar para a ENI, que é contraparte da CGD num acordo parassocial na Galp?

As decisões são geralmente tomadas pelos executivos.

Mas os poderes da comissão executiva emanam do conselho de administração.

No caso da ENI, já foi anunciado que o Estado, via CGD, está de saída. Mas, enfim, poderão surgir outras. A lei é muito clara. Quando há conflito, tenho que declará-lo e não voto.

Mas o conflito coloca-se apenas no caso do grupo Caixa?

Sim, porque não posso estar nos órgãos sociais do grupo Caixa e ter o escritório a trabalhar com eles. O que, deixe que lhe diga, é uma situação que acontece com outros escritórios. Há

colegas meus, que eu respeito muito, que continuam a ser administradores e os escritórios trabalham para as empresas.

Já sentiu alguma limitação?

Não, mas também ainda só passaram dois meses.

Falou-se também de partidarismo, de jogos políticos e de distribuição de quotas entre PSD e CDS. Isso terá peso na sua escolha?

Não sou do PSD, já votei em vários partidos, talvez possa haver, neste momento, uma simpatia pela linha do PSD, mas não acredito que isso tenha estado na base da decisão. Muito menos a relação familiar, essa então acho patética.

Qual será o seu contributo?

O contributo de qualquer administrador não executivo é o de participar num fórum de reflexão qualificado. E a experiência de quase 40 anos profissionais, dos quais a maioria ligado à banca, directa ou indirectamente.

E as relações e contactos que vier a ter na Caixa não poderão beneficiá-lo a si e ao seu escritório?

Não é o facto de ser administrador da Caixa que me traz mais clientes, antes pelo contrário. Até porque haverá sempre a cautela de evitar potencial percepção disso.

Voltamos à mulher de César.

Claro, e preciso parecê-lo. E manda o bom senso que se utilize com razoabilidade esses relacionamentos.

A banca atravessa um período muito difícil. Não teme pelos resultados destas auditorias da *troika*?

Os banqueiros estarão expectantes, mas todos muito confiantes de que o sistema sairá ainda mais fortalecido.

E a privatização da CGD?

Prefero não responder.

Acredita em bruxas? Consultava uma cartomante, a senhora Alzira.

É verdade.

Ela costumava acertar?

Já morreu. Ao longo da minha vida, ela acertou. Há um misto de coincidência com carga energética que algumas pessoas podem ter.

Alguma vez lhe disse que iria voltar à banca?

Nunca abordámos essa questão.

E viu alguma possibilidade de carreira política?

Isso é verdade, anteviu uma passagem por algo que poderia ter que vir com essa vertente.

Que ainda não se concretizou?

Talvez aí ela vá falhar. Essa pasta está muito bem entregue, nomeadamente ao meu irmão.

Mas não será isso que o impedirá de vir a ter uma carreira na política?

A vida é feita de sequências, momentos e oportunidades e não houve esse apelo.

Nunca o sentiu?

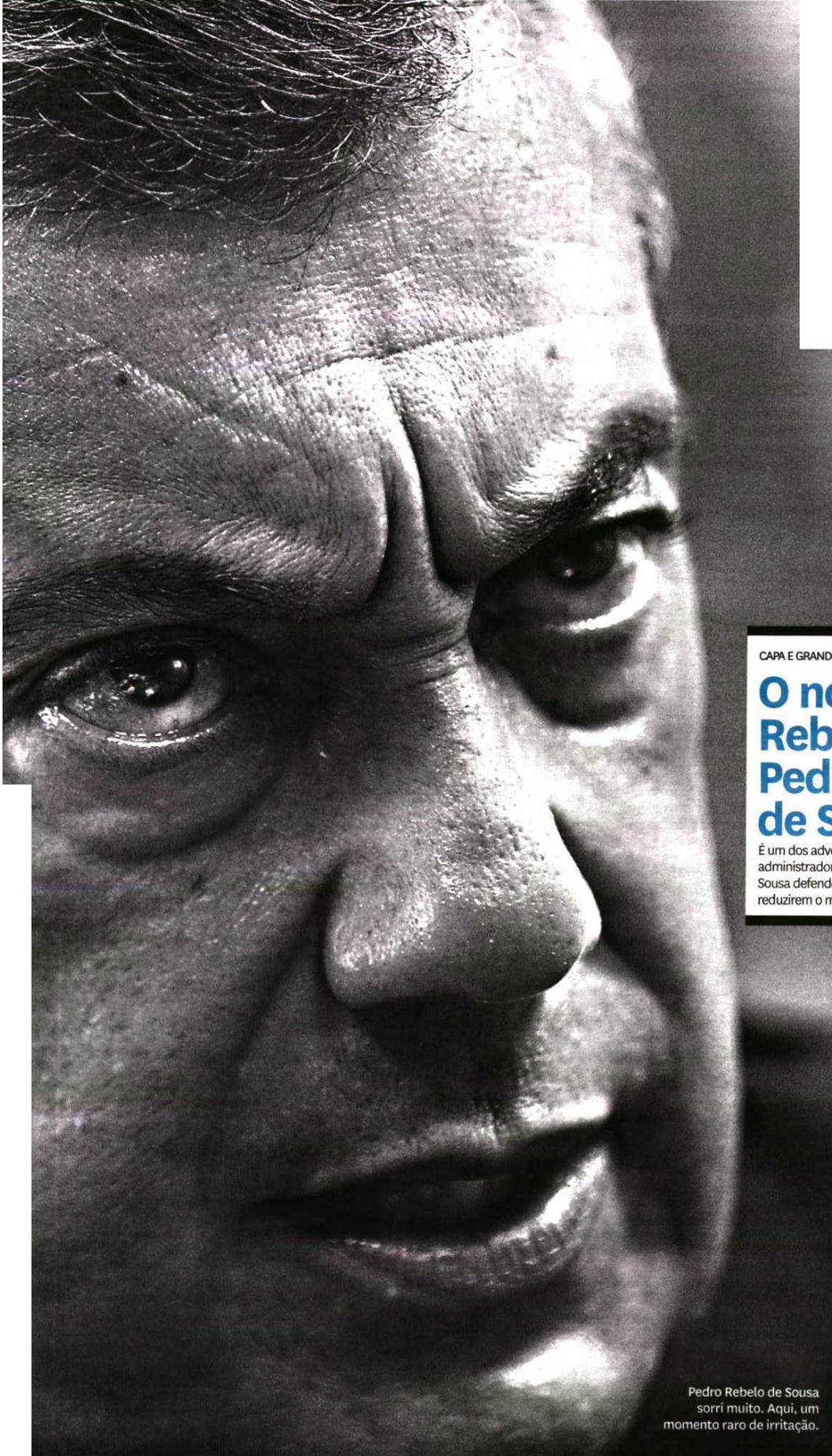
Tive outros apelos.

Mas nada garante que não possa vir a senti-lo?

Nada garante.

PONTO FINAL Pedro Rebelo de Sousa já não se irrita quando se referem a ele como o irmão de Marcelo, mas ainda se surpreende.





CAPA E GRANDE ENTREVISTA / 4-5

O nome dele é Rebelo de Sousa, Pedro Rebelo de Sousa

É um dos advogados mais poderosos do País. Acaba de ser nomeado administrador da CGD. A escolha provocou polémica. Pedro Rebelo de Sousa defende-se e ataca: "Confesso que foi com mágoa que vi alguns reduzirem o meu currículo ao facto de ser irmão do prof. Marcelo."

Pedro Rebelo de Sousa
sorri muito. Aqui, um
momento raro de irritação.